



Batida policial em bairro de Maceió: trabalho de prevenção não apresenta resultados em Alagoas por carência de ações ousadas

Coordenador do Mapa da Violência explica razões da criminalidade

Dinheiro não resolve **tudo**

A precariedade do aparato policial em Alagoas somada ao desenvolvimento econômico explica a explosão do número de homicídios, segundo o sociólogo e coordenador do Mapa da Violência, Julio Jacobo Waiselfisz. Na última quinta-feira, por telefone, do Recife, onde mora, ele conversou com a **Gazeta** e analisou a escalada da violência no País e em território alagoano. Em sua avaliação, onde tem dinheiro e não há eficiência em segurança pública, a criminalidade avança. A expansão da droga, sobretudo o crack, é apenas consequência neste cenário, de acordo com o pesquisador argentino, que há 35 anos vive no Brasil.

“A partir da década de 1990, começa a acontecer no País a descentralização econômica. O Produto Interno Bruto [PIB] aumenta nos estados. Até então, a concentração financeira era nas metrópoles. A partir da década de 1980, com os sindicatos fortalecidos, muitos trabalhadores foram atraídos para cidades como São

Paulo, onde funcionavam as grandes indústrias. Com o passar do tempo, o custo da mão de obra aumentou assim como os terrenos no ABC paulista, por exemplo. As indústrias começaram a migrar para o interior e para outros Estados, como a Bahia. Surgem as zonas francas, com apoio do governo federal. Assim, começam a aparecer novos polos industriais e a economia se expande”.

Jacobo lembra que o primeiro Plano Nacional de Segurança Pública se fez necessário no final da década de 1990. A meta era o aparelhamento policial nas grandes cidades, onde havia maior incidência de homicídios. Em 2000, foi criado o Fundo Nacional de Segurança, que destinou verba principalmente para São Paulo e Rio de Janeiro. “Em 1999, São Paulo era o estado mais violento do Brasil. Havia lá muita circulação de dinheiro e um sistema de segurança deficiente. O governo investiu na informatização para melhor controlar os números de homicídios, aumentou a capacidade carcerária e o número de delegados, e melhorou as condições de trabalho dos peritos. Com isso, o número de mortes caiu. Houve ainda a estagnação da economia. E a criminalidade migrou para

regiões mais vulneráveis”.

Neste contexto, a população de estados sem segurança pública estruturada virou vítima da violência na mesma velocidade em que avançou no Brasil o desenvolvimento econômico, a partir da década de 2000, sobretudo no governo Lula, com o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). “É como uma epidemia de dengue. O mosquito se multiplica onde não há cuidados para evitar a sua proliferação. Com a violência acontece a mesma coisa”, comparou o pesquisador, que é coordenador da Área de Estudos sobre Violência da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) e ex-diretor de Pesquisa do Instituto Sangari. “O criminoso vai escolher o banco menos protegido para assaltar, isso é lógico”. E assim, Alagoas virou terreno fértil para os homicidas.

“Alagoas, entre 2004 e 2005, registrou crescimento rápido e significativo do PIB, passou de R\$ 12,9 bilhões para R\$ 19,5 bilhões. Por outro lado, o aparelho da segurança não acompanhou o desenvolvimento econômico. A estrutura policial continuou precária, com greves longas das polícias em 2008”, explicou Julio Jacobo. “A combinação do

crescimento econômico com a crise na segurança pública fez aumentar o número de assassinatos, de modo que até o último Mapa da Violência, com dados até 2010, o Estado continuava na primeira posição, com maior taxa de homicídios do País”, frisa o pesquisador, confiante no Plano Nacional a ser lançado aqui na próxima semana. “Se os recursos forem aplicados com eficiência e suficiência, Alagoas pode reverter os números, como fez São Paulo”.

O quesito droga merece outra abordagem, na opinião do pesquisador. Segundo ele, é preciso desatar possíveis laços que unem o poder público e o crime organizado. “Não se chega a este índice de violência sem que parte do poder público esteja em conluio com criminosos. Não falo de Alagoas, mas de Brasil. É preciso apurar a relação de agentes do Estado com as organizações criminosas no país inteiro. E para isso, combater a impunidade é fundamental. No Brasil, a taxa de elucidação de homicídios oscila entre 5% e 8%. Nos Estados Unidos, por exemplo, 70% dos assassinos são condenados. Já aqui, os criminosos sabem que têm 95% de chance de escapar da condenação”, diz o pesquisador. ●

Medidas

1999

é a época em que surgiu um Plano de Segurança para São Paulo, semelhante ao que vai ocorrer agora em Alagoas